

COBERTURA ESPECIAL

Antônio Carlos, Governador pela terceira vez

Pela terceira vez, Antônio Carlos Magalhães governa a Bahia.

A trajetória política do Governador Antônio Carlos Magalhães completará quatro décadas no final do seu Governo. Hoje, são 37 anos circulando no mundo político, sendo deputado em três legislaturas, três vezes Governador, Prefeito de Salvador, Ministro de Estado e dirigente de empresa pública. Nenhum outro baiano, na história política do Estado, conseguiu tamanha notoriedade e poder.

Baiano da capital, nascido no centro histórico, Antônio Carlos Magalhães vem de berço da classe média alta, pois, o seu pai, o médico Francisco Peixoto de Magalhães Neto, era um cientista de renome e personalidade influente na sociedade da época, idos dos anos 30 e 40. Graças à política conciliatória de Juracy Magalhães, o interventor nomeado por Getúlio após a Revolução de 30, Magalhães Neto elegeu-se deputado constituinte em 1934.

Foi graças à amizade acadêmica de Magalhães Neto com o então Reitor Edgard Santos (pai de Roberto Santos, candidato derrotado por Antônio Carlos em 90), que Antônio Carlos chegou ao gabinete da Reitoria da Universidade Federal da Bahia. Médico por formação universitária, optou, no entanto, pelo jornalismo e pela política. No início dos anos 50, era redator da Assembleia Legislativa.

Em 1954, elegeu-se deputado estadual pela UDN, renovando o mandato em 1958, e novamente em 1962, agora como deputado federal. O Movimento Militar de 1964 o encontrou nesta condição. Ele foi um dos defensores das idéias de 1964. Com a edição dos atos institucionais e o fim dos partidos e das eleições para governadores e prefeitos das capitais e de cidades consideradas de segurança nacional, é indicado Prefeito de Salvador, em 1967, no também Governo nomeado de Luiz Vianna Filho.

Como Prefeito, fez uma administração moderna na histórica

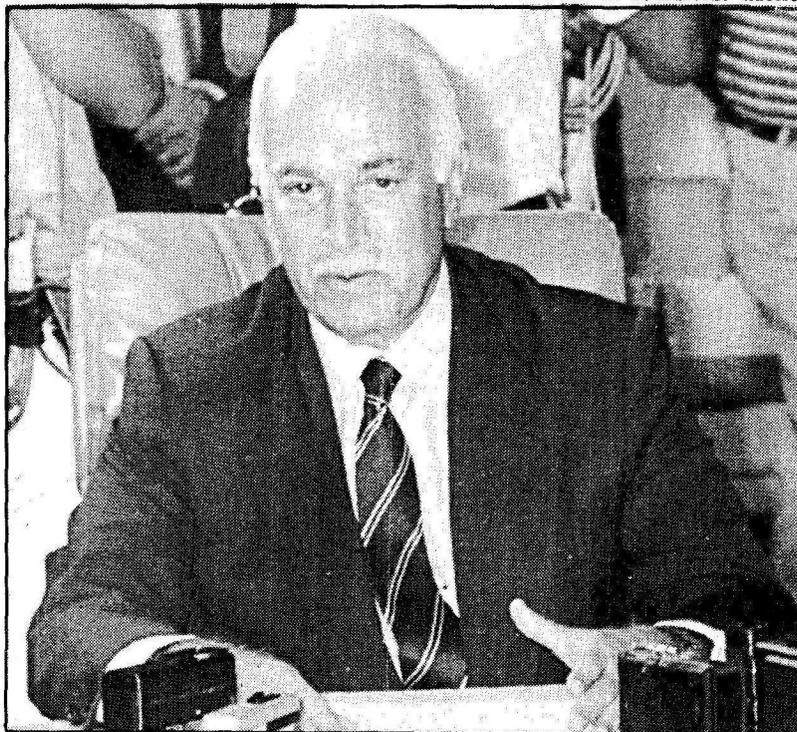
Salvador. Tirou do papel os projetos do arquiteto Mário Leal e rasgou a cidade com avenidas de vale e obras de grande porte. Reurbanizou a capital dos baianos. Foi considerado pela Câmara de Vereadores o "Prefeito do Século". Daí, foi um passo para ocupar o Palácio de Ondina, sede do Governo estadual.

Substituiu a Luiz Viana Filho e realizou um Governo, de 1971 a 1975, com a marca de bom administrador. Centenas de obras foram implantadas na capital e no interior. Antônio Carlos passou a ser uma figura respeitada no campo político, constituindo uma poderosa bancada de deputados. De qualquer forma, isso não foi suficiente para fazer o seu substituto "in-pectore" o então Prefeito de Salvador, Clériston Andrade. O nomeado para o período entre 1975 e 1979 foi Roberto Santos.

Depois de ocupar a presidência da Eletrobrás, no Rio, retornou à Bahia, em 1979, como Governador nomeado, pela segunda vez. Entre 1979 e 1982 fortalece ainda mais a sua base política, na capital e no interior, com uma administração voltada principalmente para o interior.

As suas administrações têm marcas profundas na Bahia: instalação do Pólo Petroquímico de Camaçari, construção do Centro Administrativo da Bahia, interiorização dos serviços e linhas de crédito do Baneb, construção de centenas de escolas e unidades habitacionais, fortalecimento do Centro Industrial de Aratu e de outros centros no interior, entre outras.

Com a redemocratização do País e a volta das eleições para Governador em 1982, Antônio Carlos apoiou a candidatura de Clériston Andrade, ex-Presidente do Baneb e ex-Prefeito de Salvador, contra Roberto Santos. Um acidente de helicóptero, 41 dias antes das eleições, matou Clériston Andrade e outros políticos. A morte de Clériston Andrade abalou emocionalmente o amigo Antônio Carlos, porém, no plano político,



Fotos de Antonio Queiros

Antônio Carlos Magalhães: 37 anos dedicados à política do Nordeste

co, bem estruturado em toda a Bahia, indicou João Durval e o elegeu.

O Governo Durval foi marcado politicamente pela presença de Antônio Carlos. Permaneceu na Bahia, dirigindo um organismo voltado para o planejamento e a troca de informações e idéias políticas, a Fundação de Estudos Econômicos e Sociais. Durante a prévia para a escolha do candidato do PDS que iria enfrentar Tancredo Neves, no Colégio Eleitoral, apoiou o nome de Mário Andreazza contra Paulo Maluf.

Maluf venceu Andreazza. Antônio Carlos, dono de uma forte bancada na Bahia, aproveitou um deslize do então Ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Matos, na reinauguração do Aeroporto de Salvador, que o criticou, taxando-o (sem citá-lo nominalmente) de "político oportunista", que se utilizara para a oposição. Não só respondeu rispidamente a Délio, como ingressou na corrente de apoio a Tancredo Neves.

A oposição ficou irada. Era um golpe de mestre. Tancredo não desprezou os votos da bancada controlada por Antônio Carlos. Quando saiu o Ministério de Tancredo, Antônio Carlos era o titular do Ministério das Comunicações. O Ministério de Tancredo Neves contava ainda com dois outros baianos: Waldir Pires, na Previdência Social e Assistência Social, e Carlos Santana, na Saúde.

Com a morte de Tancredo e a administração José Sarney, Antônio Carlos torna-se um dos mais influentes ministros do Planalto, reafirmando-se como importante figura política nacional.

Nas eleições de 1986, distante da Bahia, apoiou o candidato do PFL, Josaphat Marinho, que foi batido por Waldir Pires.

Em 1990, depois de passar por uma dolorosa cirurgia no coração, e de ensaiar uma candidatura ao Senado, subiu nos palanques das praças da Bahia e, agora, retorna ao Governo amparado pelo voto popular.